

ECOS DE CACIA

REPRESENTANTE

Em Lisboa

Anibal Cruz

Bêco dos Clérigos, 5-A

Correspondentes em Aveiro, Povoá, Paço, Vilarinho, Mataduchos, Taboeira, Esqueira, Angeja e Sarrazola.

Fundador: J. J. Nunes da Silva

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

ASSINATURA

Ano, série de 50 números 20\$00
Semestre, série de 25 números 10\$00
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00
Colónias 30\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

O «Ecos de Cacia» é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto

Redactor e Editor

António da Costa Pinto

O «Ecos de Cacia» é o mais desenvolvido noticiário de todas as terras da sua região.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—QUINTÃ DO LOUREIRO
(CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer indivíduo

ECOS & NOTÍCIAS

NÚMERO ESPECIAL DO
«ECOS»

Por motivo de doença do nosso redactor principal, não safu no dia 16, conforme era nosso desejo, o número especial dedicado ao regionalismo e aos novos.

Sairá brevemente.

CORRESPONDÊNCIA
MULTADA

Saída da 3.ª secção da Estação Norte-Lisboa, chegou-nos à nossa redacção no dia 16 do corrente uma carta multada em 80 centavos pelo facto do seu autor (a-pesar-do mesmo fazer o envelope à máquina e não lhe pôr o respectivo remetente) não lhe colocar qualquer selo (a-pesar-de que toda a gente sabe que uma carta até 20 grammas leva 40 centavos de selo); e como nós por mais de uma vez aqui temos dito que não pagamos autuações de cartas que em tais condições nos sejam endereçadas, (já mais não sabendo nós de quem se trata), lá foi mais uma para a *quelma* daquela estação.

Lamentamos o facto.

ECLIPSE DA LUA

Na pretérita segunda-feira, pelas 9 horas da noite a lua entrou em eclipse, donde safu passada uma hora e tal.

O céu escureceu e aquele satélite da terra transformou-se num disco vermelho, com laivos amarelos.

Em todas as ruas deste lugar se viam pessoas, de nariz no ar, a ver o fenómeno, que era, na verdade, interessante e despertou a curiosidade dos que ainda não tinham assistido ao espectáculo, que, como todos os que a Natureza nos oferece.

ELES QUE VOLTAM

Na segunda e terça-feira entraram a Barra de Aveiro nove lugres bacalhoeiros, que tinham ido ao Porto aliviar carga.

Da frota do nosso porto, faltam apenas o «Milena» e o «Brites» que estão também no Porto a descarregar, pois esses dois barcos, pelo seu calado, só vazios, e ainda com dificuldade, poderão passar na barra.

Os factos demonstram assim que a continuação das obras da nossa barra é indispensável, para que se evitem prejuizos como os que este ano tiveram as Empresas de pesca.

Inimigos das Casas do Povo

O brilhante colega «Gazeta de Cantanhede», no que a seguir transcrevemos, conta o que se passa em Tentugal sobre dois inimigos da Casa do Povo daquela localidade:

«O lema do Estado Novo é este:

Quem não está absoluta e incondicionalmente com a política pura e verdadeira de Salazar, está contra Salazar.

Não há meios termos; ou Salazar sem condições ou a crapula anterior ao 28 de Maio.

A grandeza iniludível do que Salazar há realizado e em realização, impõem a todos os portugueses que se curvem perante a obra gigantesca que aos nossos olhos é dado observar. Desde a fonte, a estrada, a escola, o telefone e tudo em fim o que engrandece as pequeninas aldeias, onde o seu nome está bem gravado, na ostentação dos seus melhoramentos, levados a efeito pelo Estado Novo, é obra de Salazar.

A criação magnífica das Casas do Povo que permitem aos pobres e humildes poderem directamente reclamar de tudo e de todos a justiça que anteriormente se poderiam reclamar por interferencia do político crapuloso, para casa de quem era necessário, andar sempre a mandar o cabrito, a melhor fruta, o pastel e tantas gulodices tiradas à miseria dos pobres, acabou. Esses caciques arvorados em protectores dos humildes, exploravam-os infamemente e era esse o seu principal mistér.

Hoje, a Casa do Povo, é de facto do povo que ali encontra um refugio amigo. E assim, compreendida a acção da Casa do Povo, todos os Tentugalenses sem excepção pagam, sorridente, ao cobrador da Casa do Povo, as cotas que lhes foram, por lei, atribuídas.

Há porém em Tentugal uma rua denominada a Rua da Igreja, onde a sua ária assentou arraiais e onde mora o Sr. Prior de Tentugal, que se recusa, quasi na totalidade dos seus moradores, a pagar as cotas atribuídas. Há ali moradores pobres e humildes que uada devem já à Casa do

Povo. Mas que o Sr. Prior e o cabo da Guarda Republicana Sr. Ferrão se recusassem ao pagamento das cotas que a lei lhe impôz, ninguém o esperava. Do primeiro que além de reformado do Estado, devia ser o mentor do povo, dando o exemplo da ordem, visto exercer além d'outras a profissão de sacerdote, do segundo que sendo cabo da Guarda Republicana em Coimbra, é também um mantenedor da mesma ordem.

Não faz falta à Casa do Povo, nem o dinheiro do Sr. Prior, nem o dinheiro do Sr. Ferrão. Faz falta à Casa do Povo, o exemplo, partindo de onde devia partir; do Sr. Prior como ministro da religião e do Sr. Ferrão como militar disciplinado.

No nosso noticiário passado, dissemos que a Casa do Povo ia officiar ao Sr. Prior no sentido deste fazer à hora da missa conventual a apologia da famosa criação de Salazar «as Casas do Povo». Sua Ex.ª não disse uma palavra em favor desta criação invejada por Mussoline, limitando a sua acção a ler o officio, quasi inteligivelmente. Bastou porém, para que o povo de Tentugal quasi em massa, ocorresse ao pagamento das cotas. O povo que dizia quasi na maioria que não pagava sem que o Sr. Prior pagasse, pagou e paga porque bem viu, dizem muitos, que isto não era coisa dos de Tentugal, pois viu na inauguração as principais autoridades de Coimbra e Montemor.

A Casa do Povo de Tentugal é uma obra já tão radicada no espirito da maioria dos que de razão pura e de moral são estão com «Salazar» que não há maldades, por mais vis que sejam que minem os seus alicerces. A vergonha não seria para os Tentugalenses mas para o Estado Novo que tolerava os desordeiros.

A Carapineira e as Means, freguesias limitrofes, tem ocorrido também ao pagamento das suas cotas.

Avante, pois.»

Comentar era estragar. Portanto faça o leitor patriota, o amigo da Nação, o comentário que quizer.

ECOS & NOTÍCIAS

«CADÁVER» VIVO

Uma que vem do México e é explêndida:

Em Guanajuato foi encontrado inanimado na via pública, devido a entoxicação alcoólica, um indivíduo que foi conduzido ao Hospital, onde lhe lavraram certidão de óbito, seguindo depois para o Necrotério, para ser autopsiado. Setenta e duas horas depois, quando um estudante de medicina iniciava o corte de um braço, o «cadáver» ergueu-se, olhou para aquilo tudo cheio de espanto e deitou a correr para a rua, nu, aos gritos, e a deitar sangue.

O estudante operador apanhou tal susto que parece resolvido a abandonar a medicina.

O caso não é para menos.

POR CAUSA DO ECLIPSE

Os índios celebraram este ano umas festas que só costumam fazer quando há eclipse da lua e este se regista à segunda-feira, como aconteceu este ano.

Para se lavar dos seus pecados e assim poderem tomar parte nas cerimónias, limpos e puros, milhões de pessoas foram banhar-se ao Ganges. Dessas, 400 desapareceram nas águas do grande rio.

UMA RECEITA

Quere ter os seus dentes brancos?

Carvão vegetal pulverizado, 25 grammas; carbonato de cal, 15 grammas; quinquina vermelha, 12 grammas; magnésia calcinada, 18 grammas; essência de hortelã pimenta, 10 grammas.

Misturar com cuidado. A propósito: recomendamos o uso moderado dos pós dentíficos, sejam eles quais forem. Penetrando nos interstícios das gengivas e dos dentes, podem com o tempo alterar-lhes o esmalte. Basta usar de qualquer pó duas vezes por semana. De resto o asseio da boca mantém-se lavando-a com água pura.

BAILES

No próximo domingo dia 20, realiza o «Unidinhos Jazz de Cacia» no seu Salão da rua Condeheiro Nunes da Silva, um importante baile para toda a comunidade.

Também no salão de baile do «Grupo Musical Caciense», realiza-se no próximo domingo um grande baile que será abrilhantado pelo magnífico «Jazz de Aradas».

OS JUDEUS

A impiedade no lugar do juízo e a iniquidade no lugar da Justiça.

(Do Eclesiastas)

Por muito que se escreva nunca se poderá dizer tudo que se sente dentro do nosso espírito, porque não haverá *caneta* que possa traduzir e passar para este bocadinho de papel o que o nosso pensamento encerra ao constatar as atrocidades cometidas contra um povo que incare no grave erro de pensar, de ser comerciante, sábio, activo e industrial. A joalheria, o teatro, as belas artes e até a medicina muito devem ao judeu. E ao falar-mos em medicina, não podemos esquecer aquele judeu, nobre filho da França, a quem aqueles que hoje perseguem aquela raça devem benefícios tais, que já mais pensarão em lhos retribuir, pois que ainda não existiu, nem grego nem troiano, cristão ou não cristão, que equivalece aquele que se chamou *Pasteur*, que viveu a inventar antídotos para os males que a humanidade enferma, e nunca recusou a sua assistência ao cristão que o perseguiu, que o feriu e insultou.

Alguem me apontará que o judeu é hipócrita e velhaco, é tudo e mais alguma coisa? Mas quem o não é? Empréstimo cinco e quer receber dez? Bem haja. Mas, bom e amigo leitor, se tens coragem mete a mão na consciência e depois atrai-lhe a primeira pedra.

Em Portugal seria difícil, ou mesmo quasi impossível, querer-se apartar a raça judaica por análises de sangue, pois que, durante séculos vivemos em comum, sem termos o desejo cruel de os exterminar, porque, como ainda hoje, sempre fomos de tudo quanto é progresso e trabalho, protectores e auxiliares dentro do limite máximo das nossas possibilidades que dentro das nossas fronteiras procuram o trabalho honesto, ou se recolhem à sombra da nossa bandeira para gosarem os frutos do seu trabalho.

Sempre assim procedemos; creio que assim procederemos sempre, porque acima de tudo que vão alto está o nome de Portugal, está a condescendência e a generosidade portuguesa.

Custa-me a crer, e fico atónito de indignação, que perante a palavra autorizada do Santo Padre, ainda hajam certos homens capazes de pretenderem (não sei com que fim), levantar contra os judeus portugueses um ódio que está morto e bem morto. Não sei se esses audaciosos sabem que se em Portugal houve perseguição e massacres em massa, não foi esse ódio dado por a religião cristã nascida e criada em Portugal mas sim importação dum fanático hespanhol que, com carvão e sangue, escreveu o nome de *Santa Inquisição*.

Mas se a fogueira o saque e a carnificina imperaram contra

a raça de Israel, essas atrocidades mereceram sempre completa reprobção tanto de teólogos como de filósofos e escritores ilustres daquela actualidade.

Se a civilização baniu dos seus códigos o saque, a fogueira, a destruição e a desordem, para que se incute o ódio e a violência no espírito das massas? Para que serve o «racismo»?

Se todos somos feitos à semelhança de Deus e somos irmãos na espécie, para que serve a divisão de raças?

A História deu-nos ensinamentos e nós respondemos: Precisa-se a divisão das raças para a mais forte exterminar a mais fraca e a reduzir à situação de escravos.

Duras verdades, mas já à muito nos habituamos a chamar as coisas por o seu verdadeiro nome.

A luta ideológica que se trava dum extremo do mundo ao outro extremo, parece assustar aquêles que não têm a consciencia tranqüila do dever cumprido, e numa vingança injusta esmolam ao seu *sêr* selvagem num holocausto atroz as indefezas criaturas que amanhã podem sêr os condutores duma sociedade melhor, em que a benção e o perdão do mártir do Golghota pregado no topo duma cruz seja o abraço Fraternal de *Amaïvos uns aos outros*.

Lisboa, 13 de Novembro

C. DINE.

Folhas ao vento

Folhas amarelecidas
Que pouco a pouco, no chão
Vão caindo ressequidas
São como sombras de vidas
Como restos de ilusão.

O Outono, tristonho e lento
Com seu ar doce e maguado
Que lembra um vago lamento
Dispersa as folhas ao vento
No caminho abandonado

E no lago das águas mansas
Ficam as folhas boiando.
Tranqüilas, como crianças
Distantes, com esperanças
Que o vento fôsse levando.

Pobres folhas que esconderam
Castos amores dos ninhos
Já secaram e morreram
E aos poucos já se perderam
Na poeira dos caminhos.

Foi-se a verdura viçosa
A sombra, ao longo da estrada
E na fonte murmurosa
Chora baixinho, saúdosa
Uma folha abandonada

Pelas árvores despidas
Passam tremuras de frio
Outono, folhas caídas
Outono, ocaso de vidas
Ocaso triste do estio

Folhas amarelecidas etc. etc.

Avôzinho.

Expedição a Moçambique de 1916

RECORDAÇÕES DE UM EXPEDICIONARIO

(excerpto)

(Continuação do n.º 432)

Entretanto esta vai-se desenrolando à vista sob o veu de carvão e, dentro em breve observamos que ela se espreguiça por uma estreita abertura plana que se estende para o sul, para Camp's Bay, ladeada ao norte pela Mesa e ao sul pelo Dente de Leão—aquela cortada a prumo, escavada, massiça, imponente, e este, cónico, verdejante, marchado de alvas cosinhas de campo, como flores em quadro viçoso.

Pequenas embarcações de pesca sulcam em diversos sentidos; e as lanchas a gazolina deixam rastros de espuma alvacentas no mar enverdeado e já bonançoso da costa.

Belo panorama! Maravilhoso quadro!

Ao meio dia o «*Moçambique*», depois de receber piloto e descrever uma larga curva, toma o rumo da estreita entrada do porto, deixando à ré, para o norte, a ampla baía cujas margens mal se divisam de tão afastadas que estão, cingidas por uma cadeia de montanhas e matagais.

Quindastes altos, funcionando; vapores diversos, acostados aos molhes; uma floresta de mastros no porto; combóios que passam ao lado da cidade, lançando colunas horizontais de fumo alvadio que vão, por sua vez, desenhando o anfiteatro das montanhas até perder de vista—é logo o que de mais vivo me fere a atenção.

Entre tanto o paquete enfia a entrada do molhe, em marcha muito vagarosa, deixando à esquerda uma sentinela inglesa, de caqui e chapéu colonial de África—que, olhando-nos estupidamente nada se comove conosco,—e vai acostar ao lado direito do porto (oeste).

O movimento marítimo é ininterrupto; vapores que saem; vapores que entram; vapores que carregam; vapores que descarregam e ainda um ou outro que espera, lá fora, que o nevoeiro passe ou que o piloto entre.

Invade-nos uma onda de curiosidade por tudo quanto vemos e até pelo que não vemos. O movimento a bordo é desusado, transparecendo no rosto de todos os expedicionários a alegria peculiar e insofrida que sente quem, há 20 dias, não vê terra, está saturado da atmosfera de bordo, vai estirar as pernas em piso sólido e pensa que a culinária de bordo vai melhorar sensivelmente.

Autorizada a saída dos oficiais e sargentos por turnos com demora de 1 h. e 30 minutos para contentar a todos, coube-me sair às 14 horas, mas logo pensei que, dada a distância da cidade ao cais, tão curto espaço de tempo, chegaria somente para se ver as primeiras ruas.

Porém o comércio fechava às 17 horas e era necessário que o 2.º turno tivesse tempo de fazer as suas compras. Por isso resignei-me a estar de volta às 15,30 h.

Afinal, o comércio neste dia estava fechado.

As impressões da cidade só me foram agradáveis quanto ao seu cunho pitoresco e quanto à parte feminina dos seus habitantes.

A-pesar-do movimento ser grande, sobretudo em veiculos de tracção animal, a cidade é, em geral, de aspecto limpo, embora mal cheiroso, e tanto quanto o permite o pavimento acimentado, arfaltado ou macdamizado das suas ruas e avenidas.

(Continúa).

Cacharolete

O Bacorinho Lopes, aquêl meu nobre amigo que veste labita antiga e usa guarda-chuva quando faz sol, foi recentemente ao «Teatro Aveirense» vêr o film «Os Fidalgos da Casa Mourisca».

O Bacorinho vai raras vezes àquele Teatro, por três motivos ponderosos: primeiro, porque os preços são *puchavantes*: segundo, porque as fitas são, em regra, não obstante o sobre-dito *puchavatismo*, muito ordinárias; terceiro, porque as comodidades oferecidas ao respeitável Zé Pagante, representam-se por zero mais zero menos zero igual a zero e êle, Bacorinho Lopes, já não está em idade que lhe permita correrias atrás das pulgas que lá o apoquentam, nem está disposto a gastar mais arnica na fricção dos lombos doridos.

Mas quando vem, no entanto, uma *fitosa* portuguesa, o Bacorinho, cem por cento patriota, não resiste e vai ao cinema. Assim foi desta vez.

Como quasi sempre, o meu amigo sofreu nova decepção. Além de haver fígado cinco pulgas de mau génio e de ficar com o coxice amolgado, não gostou daquilo.

Dizia-me êle, dias depois de ver o film:

—Ó amigo, olhe que aquela de actualizar «Os Fidalgos da Casa Mourisca», cujo tema só se compreende e aceita dentro da época em que foi escrito, é de arromba e não lembrava a um guarda-nocturno!

—Realmente — corroborei — não se percebe bem a desvantagem que haveria em fazer aquela coisa referida à era própria! Por não ser do agrado do público o trajo de então? Mas se ao público não agradava ver os figurantes trajados à época, muito menos deveria agradar o argumento, em nossos dias fóra do tempo e do nosso espírito?!

—Só o realizador é que sabe. E em traços rápidos o Bacorinho continuou:—Tem uma coisa bôa, o diabo da fita: a fotografia. Mas tem outra péssima, a parte sonorizada, que nos deixa sofocados. Em verdade lhe digo que o *parceirão* que tratou do som, andou no caso verdadeiramente... às *aranhas*.

Dos personagens, destaque-lhe a figura de D. Luiz, tipo perfeito do fidalgo... novo rico, muito escovadinho. E quanto à interpretação, só lhe digo que alguns estariam muito bem... em casa, a tratar de outra coisa.

—Homem, mas sempre há-de ter mais que se aproveite além da fotografia! atalhei aflito.

—Tem, é verdade que tem o riquíssimo interior da casa do fidalgo pobretana e a baixela... capaz por si só de livrar o fidalgo de apuros para o resto da vida, se a possesse no prego. E tem ainda um senhor muito gordo, que não sabe por que anda ali nem o

Ao correr da pena...

Considerações à margem do foot-ball

Aveiro presentemente encontra-se, em matéria de foot-ball, em franco declínio, talvez mesmo à beira do seu «cest fini», se lhe não acodem com uma medida que, a nosso ver — e é a única que existe — o salve do desaparecimento.

Antigamente existia o campo do Côjo aberto à aprendizagem dos «meudos», que, na altura própria, vinham refrescar as «linhas» dos vários clubes, quando eles tinham necessidade da matéria-prima para, *decentemente* se apresentarem em público.

As autoridades e as entidades públicas toleravam «isso», *fechavam os olhos*, de maneira que, tanto o Côjo como também o Rocio, eram dois autenticos *viveiros* sempre *com obra pronta a entrar em acção*.

Hoje, é o que se vê. Não se consente à mendagem ingresso a dentro do campo balizado; deixam-nos só,—se é que com boa-vontade lho consentem—pontapedear no triângulo (e bem pequeno que ele é) por de-traz da tribuna lá existente (no campo do Parque), e nada mais. Os clubes por sua vez, que deveriam criar grupos infantis, não querem saber disso para nada, de maneira que, não oigo senão dizer ao meu amigo Baêta, (pessoa muito entendida nisto de foot-bois): e pronto, é só isto. O Beira-Mar vai na cauda do campeonato, pois os seus jogadores estão cansados e não aparecem elementos novos para os substituir, de maneira que este ano, até agora, nem ao menos... uma única vitória!!!

Novembro, 1938

Argus.

Propriedade em Angeja

VENDE-SE a propriedade denominada «Caminho de Carro», em Angeja. Informa Rua Sabino de Sousa, 63. 1.º E., em Lisboa, depois das 12 horas. (12)

CARTÕES DE VISITA—Imprimem-se, com perfeição e rapidês, na «Tipografia Caciense», desde 2550 o cento.

que há-de fazer à sua vida.

—Mais nada?!

—Há ainda outra coisa boa, mesmo ótima pelo alívio que nos dá. É uma palavra que aparece por último, que todos lamentam não aparecer mais cedo, que diz: Fim.

—Ó Bacorinho, você não é patriota! rompi irritado. Olhe que aquilo é nosso, feito por nós e para nós...

O Bacorinho Lopes apertou-me a mão e foi-se embora a chorar.

Novembro, 1938

Mr. Stop

Noticias da Povoia e Paço

Estadas.—Vindo de Lisboa, onde é estimado empregado da importante Padaria Brasileira, chegou aqui à dias para gosar 30 dias de licença o nosso prezado amigo e assinante deste jornal sr. Avelino Simões Ramos.

Doentes.—Há dias retirou-se da casa de seus pais da Povoia com destino a Coimbra onde se foi internar no Hospital da Universidade para ali ser novamente operado, o nosso prezado amigo sr. João Ruela de Oliveira.

Também para o mesmo Hospital, onde se foi sujeitar a uma operação à vista, retirou-se daqui na última semana a sr.^a Angelica dos Santos Teixeira, esposa do nosso amigo sr. Manuel Marques da Cunha Júnior.

aos doentes desejamos umas prontas melhoras para que em breve voltem a suas casas da nossa e sua terra.

Casamento.—Vai realizar-se muito em breve o enlace matrimonial da simpática menina Diodora dos Santos Santeira, com um rapaz de Aveiro cujo nome desconhecemos mas dizem-nos ser filho da «República» cocheiro na Estação da mesma cidade.

Ao novo casal, que são dotados de excelsas qualidades, com antecedência desejamos uma longa lua de mel e um futuro próspero.—C.

Noticias de Angeja

Incêndio.—No dia 11 do corrente pelas 21 horas, num dos palheiros da sr.^a Encarnação Buticária, pelo facto desta ir dar de comer ao seu gado com uma vela acesa, provocou-se no mesmo um violento incêndio, que ameaçava toda a habitação, mas com o auxílio de quasi toda a população angejeense que ao local acorreu e prestou os seus melhores serviços na extinção do mesmo, até que chegassem os bombeiros de Aveiro e Estarreja que telefonicamente tinham sido chamados, os quais uma vez ali, desde logo as chamas foram desaparecendo com a preção da água que das agulhetas saía.

Os prejuizos no referido palheiro e mais dependências da referida habitação foram avultados, apesar dos seus prontos socorros populares e municipais.

Este incêndio deve servir de exemplo não só à sr.^a Buticária, como a todo o povo da nossa terra que tem por hábito (à noite) dar de comer aos seus gados com velas, candeias e gasómetros acesos, não supondo o perigo em que podem incorrer

Carteira Elegante

ANOS

Hoje, 19 de Novembro, completa 23 aniversários natalícios o nosso amigo e assinante sr. José Rocha, de Mataduchos e empregado na panificação de Lisboa.

—Amanhã, 20 do corrente, deve festejar as 13 risonhas primaveras a galante menina Maria de Lourdes Faria, filhinha querida da sr.^a D. Ana dos Santos Silva Faria e de seu marido nosso prezado amigo e assinante sr. José Gonçalves Faria, considerado industrial de panificação em Lisboa e naturais do importante lugar de Mataduchos.

—Em 23 também completa 33 anos o nosso amigo e assinante sr. Angelo Ferreira da Silva, empregado na panificação de Lisboa.

—No dia 24 completa 54 anos o nosso director.

—Em 25 do corrente faz 11 verdes anos o menino José Maria Pereira Rodrigues, filho do nosso amigo sr. Mário Rodrigues Calafate e de sua esposa sr.^a Maria Rosa Pereira, industriais de Alfaiataria em Taboeira.

—No último dia 12 do corrente fez anos a sr.^a D. Margarida de Jesus Carvalho, estremenosa esposa do nosso prezado conterrâneo e comerciante sr. Manuel Rodrigues Carvalho.

—Também no mesmo dia 12 completou mais uma risonha primavera a sr.^a D. Sára Pina, simpática mana do nosso amigo e colaborador sr. Gumercindo Pina, de Lisboa.

ESTADAS

A-passar algum tempo na companhia de sua esposa e mais família, chegou a Cacia na última semana, vindo de Lisboa, onde estava empregado na panificação, o nosso estimado amigo e assinante sr. António Lopes de Oliveira.

com um pequeno descuido.

Cuidado lavradores muito cuidado, não só com os vossos haveres como propriamente com as vossas vidas, que em tais casos correm perigos.

Luz eléctrica.—Angeja encontra-se sem luz desde o dia 1 do corrente sem que até hoje os seus habitantes saibam as causas.

Sendo Angeja a principal freguesia que mais contribuição paga para o nosso concelho, qual a razão porque assim tão subitamente a deixam ficar às escuras?

Com vista ao Ex.^{mo} Sr. Director dos serviços Municipalizados do concelho de Albergaria-a-Velha.—C.

Pelo concelho de Gois

POR AMIOSO FUNDEIRO

Nestes dias outonais, em que a paisagem da minha terra tem tons sombrios, tristes, melancólicos, as almas comungam azafama cotidiana, vibrando apenas quando lhes fala a sineta aldeã no badalar do seu bronze...

Uma noite destas, após um serão à lareira em redoi da fogueira ateadada pelos ramos carnosos de pinheiro verde em que o fumo nos envolvia em nuvem deusa até que os olhos se arrazavam de água, fomos até junto da capela e entabulámos diálogo com a sr.^a D. Sineta.

—Ora viva, sr. Melro do Vale da Fontel...

—Melro, não! Tenha cuidado com a lingua sr.^a D. Sineta!...

—Viva, pois, sr. Melro. Não julgue que com isto queira desprestigiá-lo. Pelo contrário, acho até muita graça aos melros com o assobiar alegre que tanta vida dá ao nosso Vale da Fonte. Portanto, tenho imenso prazer em cumprimentá-lo.

—Obrigado, então, sr.^a D. Sineta. E como vai o seu roliço badalo?

—Assim, assim, meu bom amigo sr. Melro. Mas o que o trás aqui a estas horas?

—Apenas admirar esta noite de luar, que já há muito não tinha o prazer de vêr.

—Gosta, pelo que vejo, muito do luar, não é verdade?

Muito. Esta brancura que se estende por este tapete verdejante das nossas colinas, faz-me lembrar um manto de noiva...

—Olhe, repare para lá, longe, naquela varanda. Como o luar se espreguiça...

—Agora reparo, sr.^a D. Sineta. Ali no alto, vejo uma dança de sombras... Serão bruxas?

—Não. As bruxas foram tódas com o diabo.

—Para onde?

—Foram à encruzilhada de Alvares, onde hoje se effectua uma contradança de respeito com a assistência da Bruxa Mestra.

—Então, boa noite, sr.^a D. Sineta. Vou até ao meu socegado Vale da Fonte.

—Mas retira-se já. Tem medo? —Medo não tenho. Mas... cruzes canhoto!...

E desapareci como relampago. Safa...

Melro do Vale da Fonte

ANIVERSÁRIO

No dia 21 de Outubro fez duas risonhas primaveras a menina Maria Joana dos Reis Flôr, inte-

Necrologia

Apoz uns meses de sofrimento, acaba de falecer no dia 12 do corrente na sua casa de Angeja, apenas com 53 anos de idade, a sr.^a D. Florinda Nunes Pereira, estremenosa esposa do nosso estimado industrial sr. João Pereira da Silva e mãe dos srs. Júlio e Francisco Pereira da Silva.

O funeral da extinta realizou-se no dia seguinte pelas 14 horas, o qual foi um dos primeiros funerais que naquela freguesia se tem realizado, pois encorporaram-se inúmeras pessoas de: Albergaria, Sobreiro, Estarreja, Salreu, Cacia, Sarrazola, Povoia, Quintã e Taboeira; além de todo o povo Angejense; e de tódas as irmandades da mesma freguesia e a banda de música local.

A chave da urna foi conduzida pelo sr. Dr. Ricardo Souto; e as salvas pelo sr. Dr. Eduardo Henrique de Almeida Souto e António Marques Aleixo, cunhado da falecida.

No funeral fizeram-se alguns turnos, dos quais fizeram parte as pessoas mais íntimas do viúvo, assim como foram oferecidos 16 lindos bouquets de flores naturais e duas corôas, tódas elas com sentidas dedicatórias.

Ao viúvo nosso íntimo amigo sr. João Pereira da Silva, seus filhos e toda a família em crepes, apresentamos em nome do «Ecos de Cacia» que se fez representar no funeral por um dos nossos filhos, os nossos sentidos pésames.

—Também no lugar do Funtão, faleceu com 64 anos de idade a sr.^a Ana Rosa de Oliveira.

O funeral desta igualmente foi muito concorrido. A toda a família em luto os nossos pésames.

Estes funerais estiveram a cargo da antiga e acreditada Agência Funerária de Guilherme Dias Capela, de Angeja.

ressante filhinha do nosso amigo e assinante sr. João Henriques Flôr Júnior, comerciante em Elvas e estimado fundeireense. Parabéns.

ESTADAS

Encontra-se em Cortes de Alvares a passar alguns dias o nosso amigo sr. Claudino Alves de Almeida.

—Também se encontra em Amioso Fundeiro o nosso velho amigo sr. Manuel das Neves, vice-presidente da Comissão de Melhoramentos.—C.

Grupo Musical Caciense

Conforme foi anunciado no número anterior deste jornal, realizou-se no dia 13 do corrente, no salão do Grupo Musical Caciense, um baile, abrihantado pela tuna do mesmo Grupo, que com o seu novo mestre, sr. Elpidio Fontoura de Lima, se apresentou, de forma a receber da vasta assistência que ali ocorreu a assistência à nova evolução da tuna, os mais rasgados elogios.

Os seus números executados com toda a proficiência, foram largamente visados e aplaudidos.

E' de esperar, que um futuro brilhante, venham alcançar todos aqueles, que com tão boa vontade oferecem um boçado do seu esforço, para elevar o bom nome da agremiação a que pertencem, de que é merecedora.

Cacia, Novembro 1938

S. B. J.

Grande

Verdade!!!

A saúde conquista-se ou mantém-se desde que os alimentos sejam realmente bons, frescos e naturais. E esses alimentos encontram-se na acreditada *Leitaria «A Madrugada» Rua dos Cavaleiros, em Lisboa*, onde o leite, a manteiga, o presunto, as frutas, o chouriço e os vinhos são verdadeiras maravilhas para que a vida seja alegre, risonha e duradoura.

Esta é a grande verdade que se vê na

*Leitaria «A Madrugada»
Leitaria «A Madrugada»
Rua dos Cavaleiros, 102
Rua dos Cavaleiros, 102
LISBOA
LISBOA*

Este número foi visado pela Comissão de Censura à Imprensa de Aveiro

(2) FOLHETIM DO «ECOS DE CACIA»

O DIÁLOGO DAS ESTA TUAS

POR

João Grave

Uma esquadra de vaves aéreas aproximava-se de Paris velozmente, para sobre a cidade incomparável lançar os terríveis explosivos e as bombas incendiárias:—E Paris, impávida, corria às janelas para contemplar esses fabulosos monstros alados donde a morte ia cair com fragor.

Dentro em breve, os canhões do campo entrincheirado alvejavam com as suas granadas as funestas aves noctivagas, e todo o horizonte resplandecia, ardia em labaredas, em maravilhosos jogos de luz. Os obuses, deflagrando, semelhavam florações fantásticas. Uma chuva de fálhas de ouro descia vertiginosamente sobre as casarias mergulhadas na escuridão. Ao estrondo da arti-

lharia mesclava-se o tumulto das exclamações, das vociferações, das irritadas apóstrofes. Clamores de socorro ouviam-se na pacificação noturna...

Foi então que, no Museu do Louvre, onde se guardam ciumentemente as obras primas da Arte de todas as idades a *Vitória da Samotrácia*, agitando nervosamente as suas asas que parecem bater a um vento de triunfo—como se uma estranha pulsação vital houvesse comunicado o seu calor fecundo ao mármore inanimado e frio—murmurou:

—Eras bizarras, estas que vão correndo! Eis chegada a hora em que, como antigamente, a ambição das grandezas e das conquistas desvaira os homens, que já

mais conseguirão viver venturosos e tranquilos no recanto florido da terra!... Quantas lutas eu tenho presenciado, desde que certa manhã longínqua o ágil cinzel dum escultor heténico tallou nos brancos, nitidos mármorens, as formas e a carne virginal do meu corpo que mãos barbaras fenderam, separando-lhe a cabeça do tronco! Em todos os séculos o ser consciente foi atroz, dilacerando-se com aspera raiva! Mas, no tempo já remoto da minha adolescência em flôr, os combates sangrentos eram movidos por sentimentos bem diferentes dos de hoje, o que me leva a crêr que, moralmente, a humanidade nada tem progredido...

Um leve frémito arripiou as carnações marmóreas em que artistas extintos puseram a sua fundação comoção poética e o seu sonho de aspiração para a beleza. Sobre a sua peanha, o busto de Voltaire; feito por Hudson, sorria irónicamente.

A *Vênus de Milo*, estremecendo, sussurrou numa voz de ouro que dir-se-ia chegar dos remotos

séculos findos:

—O fogo desce dos astros como nas éras de Júpiter, o Pai dos Deuses, que atentamente velava pela Regra da Ordem, preudiã a faísca nas mãos divinas e potentes. O velho Ocidente oscila. Perderam-se nele o equilíbrio e o repouso. Oh! verdes laranjeiras da Iónia onde cantavam as cigarras de Anacreonte! Oh! mares gregos onde se banhavam as sereias de Homero, que tinham olhos verdes! Oh! prados de violetas e narcisos onde pastavam as ligeiras novilhas de velos côr de rosa e onde tão finamente se amaram, pelas olimpicas alvoradas, Dáfnis e Chloé, que eu conheci ainda inocentes e moços!...

Há longos meses que o meu sono secular, neste exílio, é constantemente perturbado pelo troar do canhão, pelo crepitar da fusilaria, pelos choros aflitivos e pelas lamentações dos feridos que voltam das batalhas, sem braços, sem pernas, com grandes feridas no peito!...

As alegorias de Rude, modeladas em incomparáveis baixos

relevos, abafaram as palavras da Deusa, desfaldando bandeiras e entoando entusiásticamente a *Marselhesa*, que parecia avançar para o inimigo! erguendo no fulgôr da claridade as lâminas rutilantes das espadas.

—Lembraste de azcaro?—perguntou a *Vitória da Samathracia* à *Vênus de Milo*.

—Lembrol E parece ter ressuscitado Ouvel Sôbre nós, em pleno céu, pairam os homens que conquistaram, enfim, as asas ambicionadas por Icaro.

—Eu vi o cair no Egeu, onde se afogou, e com êle todo o ideal dos que ardentemente desejavam voar para além das nuvens, para as estrelas. Era louro como Cêres e tinha uns olhos azúis e macios... Os Icaros modernos foram mais felizes.

—Mas tem menos audácia—e tallou a *Vênus de Milo*. De resto, o mundo actual não me interessa por nenhum aspecto. E inferior, tanto na moral como na estética.

(Continúa)



Companhia de Seguros
A NACIONAL
Soc. An. Resp. Lim. — Capital
1:224 Contos Reservas em 1937
34:000 Contos
SEDE NA SUA PROPRIEDADE:
Av. da Liberdade, 18—LISBOA
Telegramas *Lanoican*
Telefone n.º 24784

O receptor europeu de som maravilhoso preferido por:
Sua Santidade o Papa Pio XI, Reis e grandes maestros
e cantores. **CENTRUM—RADIO**

J. Vieira & Martins

AGENTES GERAIS

R. da Torrinha, 9-11—PORTO—Telef. 7786

Lâmpadas, Condensadores, Resistências, TUDO para T.
S. F. (Importação directa) Aos melhores preços. *Reparações*
garantidas de receptores de tôdas as marcas. *Ampliações*
Sonoras para festas, bailes, conferências,
concertos, etc.—Instalação—Aluguer—Venda

O receptor americano que triunfa em todo o mundo, sem
precisar de se elogiar com frases aparatosas e muitos
adjectivos. **ANDREA—RADIO**

Empreza Industrial de Tintas, L.ª

Escritório e Fábrica R. da Cascalheira, 33 — LISBOA
TELEFONE BELEM 669 — PORTUGAL
Agente no Norte do País *Guilherme M. Coelho*
RUA DA VITORIA, 56 — PORTO

Esta fábrica produz as melhores e as mais baratas tintas de
impressão em cores e preto, massas para rolos e vernizes
tipo-litográficos

BICICLETAS

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

12 prestações mensais
e iguais

Peçam tabelas dos novos
preços

Pneus MICHELIM.

ARMANDO CRESPO

116. R. do Crucifixo — Telef. 27027 — LISBOA

Pensão Avenida

d e—BRUNO DA ROCHA

Explendidos e higiênicos quartos. Armazem de
mercearia e cereais por junto e a retalho
Largo da Estação—AVEIRO — Telef. 128

MOBILIAS

O maior sortido, os mais
lindos modelos, para todos
os gostos e para todos os
preços.

Officinas de mercenaria,
colchoaria estofador e repa-
rações.

T.S.F. Novos modelos para 1938
Pilot-Rádio, o melhor receptor americano
Olympia-Rádio, uma maravilha da
técnica alemã.

Aparelhos para tôdas as
Ondas
Correntes
Bolsas

Vendas a prestações com direito a prémio pela lotaria,
podendo o aparelho ficar vosso logo à primeira prestação.

Precisais comprar? **Coutinho das Mobílias**
Só no
Avenida Visconde de Salreu — ESTARREJA

Gasa dos Linhos

Importadora de algodão em rama
de tôdas as origens

660, R. Fernandes Tomaz, 664 — PORTO
Telef. 4021 Casa fundada em 1860 Teleg. *Farlea*

Linhos nacionais e estrangeiros em tôdas as larguras
Atoalhados em todos os géneros
Bordados da Ilha da Madeira.

Artigos para bordar — Rendas para altares e Albas
Envia-se amostras para a província e ilhas
Vendas por junto e a retalho



Alipio Monteiro

Alfaiate

Executa com per-
feição todos os
trabalhos da
especialidade pa-
ra militares e civis.

Preços módicos

R. dos Anjos, 80-1.º

Telef. 46057

LISBOA

PADARIAS

Amassadeiras mecânicas simples, praticas
e económicas, Dividoras, Portas para
fornos, Cilindros e tôdas as máquinas
para a industria de panificação.

Motores eléctricos, Bombas centrifugas,
Trasfega e de todos os sistemas
e para todos os fins.

Preços e detalhes consulte o representante:

A. J. d'Almeida

R. Almirante Pessanha, 7-2.º

LISBOA—(Ao Carmo)—Telef. 26858

Vendas a pronto e a prestações
de 3, 6 e 12 meses.

E' UM DEVER

De toda a pessoa que se presa ser económi-
ca adquirir os seus tecidos de lã na:

UNIÃO DE FABRICANTES

Envia-se amostras grátis **COVILHA**
Descontos a revendedores

HERPETOL

Para as doenças de pele



Uma gota de HERPETOL e o seu desejo de co-
çar passou. A comichão desaparece como por encan-
to. A irritação é dominada, a pele é refrescada e ali-
viada. Os alívios começaram. Medicamento por exce-
lencia para todos os casos de eczema, humido ou
sêco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.
A' venda em tôdas as farmácias e drogarías
Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Ltd.ª
Rua da Prata, 237 — LISBOA

FERIDINA COSTA!!!

Está provado que é hoje o melhor e mais económico
remédio que se conhece para a cura de tôdas as
doenças da pele, como feridas de qualquer
natureza, eczemas, herpes, empigens etc.

PREÇO 5\$00

Vende-se em todas as farmácias e drogarías e
nos depositários:

LISBOA—R. e S. Franco—R. Ascensão, 57-2.º
PORTO—Castilho & C.ª—R. Sá da Bandeira, 80 e
J. A. Oliveira,—St.º Ildefonso, 91

Envia-se para toda a parte sem mais despesas. Pedi-
dos ao **Laboratório Costa**—Campia VOUZELA

VINHO DO PORTO

Rainha Santa

Registado sob o número 24.840 da antiga casa:
Rodrigues Pinho
A' venda em tôda a parte. — GAIA — PORTO

Moveis e Decorações

DA FABRICA **Alfredo F. da Costa & Filho**

Se V. Ex.ª ainda não visitou esta casa, faça-o, porque
não perderá o seu tempo. Modelos originalíssimos, aos
mais baixos preços. Vendas directas ao público.

R. Militão Barbedo, 701—Marquez de Pombal
Telefone 2640 **PORTO**

VINHO FRANCO

(Vinho Nutritivo de Carne)

Poderoso restaurador das fôrças perdidas. Um
cálce deste vinho representa um bom bife.

FARMÁCIA FRANCO FILHOS

Rua de Belém, 18 a 22 — LISBOA

Alimentação especial para Canários

Permiada com me-
dalha de ouro
em 1937

Ferreira Júnior

(Canaricultor)

Avenida Du-

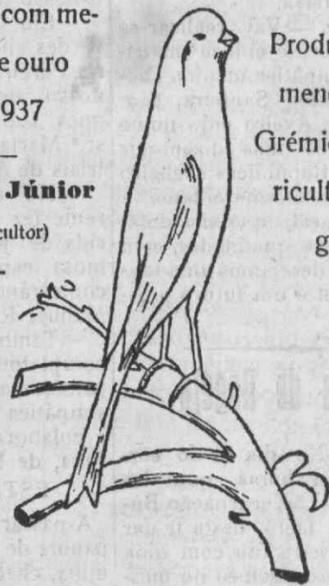
que d'Avila,

116 r/c Dt.º

LISBOA

—

Marca
Registada



Producto reco-
mendado pelo
Grémio dos Cana-
ricultores Portu-
guêses.

Descontos
especiais
aos
revende-
dores.

LANIFICIOS

Viúva de Jerónimo Matos Pintasilgo

A casa mais conhecida em todo o país que mais barato
vende. Se lhe interessa comprar um fato, sol-reto, ga-
bardine, vestido ou casaco, peça amostras do que pre-
tende, que lhe serão enviadas na volta do correio sem dis-
pendio algum para o Ex.º cliente.

VIÚVA DE JERÓNIMO PINTASILGO — COVILHA

GRANDE SERRALHARIA

João Bolais Monica

S. Bernardo (Cruz Alta) AVEIRO

Nesta casa, executa-se todos os trabalhos de ser-
ralharia, tais como: moínhos de água, vento
e gado, carros volantes, etc. etc.

Oficina de Fogo de Artifício

d e—José Soares Calçada

Tarei de Souto—Vila da Fezra

Nesta acreditada casa executam-se os mais artís-
ticos fogos do ar, preso, aquático e tipo japopez, etc, etc.

Aprenda Rádio

50\$00

Será o seu dispndio mensal, durante um limitado número de
mêsés, para que se possa diplomar na mais fascinante ciên-
cia dos nossos dias—RADIO

Vença a adversidade aumentando as suas aptidões
Torne-se um dos membros desta congrega-
ção de estudiosos.

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

Rua Dionísio de Pinho s/n — VILA NOVA DE GAIA

Peça folheto descritivo

Muito Dinheiro CASA "A FERMELA"

Só o tem quem jogar na
casa das sortes grandes de
José Pedro, R. do Ouro, 203
LISBOA

E' nesta casa que se vende
os melhores vinhos da nos-
sa região.
R. Manuel Bernardes, 76 - Lisboa